Memórias da Emília: transformações visuais no contexto da cultura da convergência[1]

Carolina Souza de ALMEIDA[2]

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho propõe um retorno ao estudo do livro impresso, visto a partir do contexto da cultura da convergência e da crescente digitalização dos suportes de leitura. Buscando compreender a maneira pela qual as editoras estão reinventando seus impressos para se adequarem à realidade cada vez mais digital em que vivemos, se propõe um estudo sobre as transformações recentes sofridas na comunicação visual dos livros do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, partindo do pressuposto de que a estética dos livros é uma questão-chave na relação comunicacional entre autor, editora e leitor. Como exemplificação do estudo, é feita uma análise inicial do livro *Memórias da Emília*.

Palavras-chave: livro impresso; cultura da convergência; comunicação visual; Monteiro Lobato.

Introdução

No atual contexto da cultura da convergência, como definiu Henry Jenkins (2009, p.29), e da sociedade cada vez mais digital e visual em que vivemos, está ocorrendo uma proliferação de conteúdos e de formas de entretenimento em múltiplas plataformas, aumentando cada vez mais o leque de informações que se recebe diariamente. "Uma criança hoje, urbana ou não, recebe uma carga de informação visual impensável há décadas atrás até para um adulto" (LINS, 2003, p.36).

Seja por parte da mídia ou da própria população, que adquiriu recentemente a possibilidade de divulgar seus conteúdos produzidos através da internet e das novas tecnologias de comunicação, possuímos hoje inúmeras maneiras de nos informar e nos entreter, que não dependem necessariamente de um único suporte. Nas palavras do próprio Jenkins:

> Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. [...] Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte

[1] Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM UERJ), email: carol-souza@uol.com.br

> em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2009, p.29).

Como ressalta o autor, a convergência é um processo tecnológico, porém não deve ser reduzida a isso, já que ela representa também "uma transformação cultural, à medida que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos" (JENKINS, 2009, p.29). Dessa forma, a população adquire a possibilidade de utilizar os meios de comunicação de inúmeras maneiras, seja através do consumo passivo de informações ou da produção participativa de conteúdos, como publicações em redes sociais e blogs, criações de *fan fictions* (ficção de fã), edições e publicações de vídeos, entre outros. Muitos se engajam na chamada cultura da participação, utilizando seu tempo livre, "em uma espécie de excedente cognitivo" (SHIRKY, 2011, p.14), para colaborar com outros e produzir informações de forma coletiva na rede.

Ao mesmo tempo, os meios de produção tradicionais também passam por transformações. O advento das novas tecnologias traz, entre outros fatores, o questionamento e, em alguns casos, a reestruturação das maneiras tradicionais de se produzir conteúdos midiáticos. Segundo Jay David Bolter e Richard Grusin (2000), o que vem ocorrendo ao longo dos anos, com o surgimento de novas mídias, é um processo de remediação, no qual as mídias mais recentes se apresentam como uma versão "melhorada" das antigas mídias e estas, por sua vez, procuram se adequar à nova realidade propiciada pelas novas mídias.

Dessa forma, nenhuma mídia surge de forma isolada da outra. "A novidade das novas mídias surge das maneiras particulares em que elas remodelam as mídias mais antigas e das maneiras em que as mídias mais antigas se remodelam para responder aos desafios das novas mídias". (BOLTER e GRUSIN, 2000, p.15, tradução minha). É um duplo processo de trocas e reconfigurações, a partir do contexto tecnológico e social em que essas mídias se encontram.

Recentemente, o meio editorial passou por uma significativa transformação tecnológica, com o surgimento dos livros digitais (os chamados e-books), livros estes que dispensam a materialidade do papel, podendo ser lidos em suportes digitais e em ambientes virtuais. E-readers, tablets, computadores e, até mesmo, celulares podem ser utilizados como suporte de leitura.

Essa transformação demandou a reconfiguração dos processos editoriais tradicionais para responder às demandas dessa nova tecnologia, que, por sua vez, surgiu baseada na antiga tecnologia do livro impresso. As editoras passaram, portanto, a produzir e-books como forma de se manterem em um mercado cada vez mais digital. No entanto, ao mesmo tempo em que o livro digital se torna, aos poucos, cada vez mais presente na vida das editoras e dos leitores, o livro impresso continua a ser produzido e reinventado. Assim como "o escrito copiado à mão sobreviveu por muito tempo à invenção de Gutenberg" (CHARTIER, 1998, p.9), os livros impressos coexistem hoje com as novas formas digitais de leitura.

A questão da morte do livro impresso como o conhecemos hoje é muito debatida na contemporaneidade, por estarmos passando por uma época de transição em relação às novas práticas de leitura no digital (DARNTON, 2010, p.15). Muitos preveem um futuro somente com livros eletrônicos e formas de leitura digitais. O impresso, no entanto, continua existindo e aumentando cada vez mais sua produção (DARNTON, 2010, p.14). Segundo o historiador Robert Darnton, (2010, p.14) "a capacidade de resistência do códice à moda antiga ilustra um princípio geral da história da comunicação: uma mídia não toma o lugar de outra, ao menos a curto prazo". A discussão acerca do tema é extensa, contudo, ainda não se pode chegar a conclusões definitivas sobre o futuro dos livros, o que reflete o fato de estarmos passando por uma época de transformações, tanto tecnológicas quanto culturais.

Dessa maneira, é importante estudar as novas configurações dos impressos para compreender as alterações causadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação (COUTINHO e GONÇALVES, 2009, p.11).

> O surgimento recente das novas tecnologias de informação reavivou a discussão sobre os efeitos culturais dos meios de comunicação e ensejou a produção de uma vasta literatura científica. Essa discussão das novas tecnologias, curiosamente, conviveu com uma reativação dos debates acerca dos meios de comunicação mais antigos, notadamente os ligados ao impresso (COUTINHO e GONÇALVES, 2009, p.11).

Em um momento de proliferação de pesquisas sobre os livros digitais, este trabalho propõe um retorno ao estudo do livro impresso, para compreender sua possível nova configuração no atual universo digital, no contexto da cultura da convergência. Cabe, portanto, questionar de que maneira as editoras estão buscando uma reconfiguração de seus livros impressos, em uma tentativa de se adaptar às novas formas de produção de conteúdo e às novas práticas de leitura desenvolvidas através do suporte digital.

Educação e Comunicação Visual

Em um país como o Brasil, onde grande parte da população é analfabeta ou analfabeta funcional (HALLEWELL, 2005, p.717), a questão da leitura é muito debatida, devido à importância desse tipo de conhecimento em uma sociedade letrada, na qual inúmeras informações são transmitidas de maneira escrita. Em sociedades com esse tipo de configuração, é importante que as pessoas saibam ler para poder ter acesso integral ao conhecimento e aos seus direitos plenos como cidadão, possuindo, entre outros fatores, a possibilidade de participar de forma consciente do processo político que atinge suas vidas (FREIRE e MACEDO, 2011, p.7).

Existem muitas maneiras de fornecer acesso aos livros para os que não têm condições financeiras de tê-los, que podem ser praticadas por diversas pessoas e instituições, como por exemplo, os programas do governo federal, as iniciativas populares e os eventos que promovem a leitura e a literatura. A família e a escola também possuem um papel importante nesse sentido, já que proporcionam o primeiro contato das crianças e dos jovens com os livros. No entanto, embora existam várias formas de incentivo à leitura, só se cria um hábito leitor se houver interesse por parte do indivíduo.

Segundo a escritora de livros infantojuvenis Ana Maria Machado, por sua experiência, "lê-se pouco no Brasil porque não se acha que ler é importante, não se tem exemplo de leitura, existe a sensação de que livro é uma coisa difícil, trabalhosa, não compensa o esforço. Só se faz obrigado" (MACHADO, 2011, p.16).

Além disso, no atual contexto da cultura da convergência (JENKINS, 2009 p.29) e da sociedade cada vez mais visual e digital em que vivemos, os livros enfrentam o desafio de atrair a atenção das pessoas em meio a inúmeras opções de entretenimento e informação (televisão, computador, jogos, entre outros). Muitas crianças e adultos, ao se depararem com a escolha entre um livro e outra forma de entretenimento que supostamente demandaria menos esforço intelectual, acabam escolhendo esta última. Porém, essa escolha não ocorre necessariamente por falta de interesse pelo conteúdo do livro, mas pela falta de atração imediata pelo objeto livro em relação a outros objetos mais dinâmicos como TV e computador.

Este trabalho parte do pressuposto de que o interesse pelos livros, muitas vezes, pode surgir, em um primeiro momento, através da parte visual e estética do livro. Em outras palavras, o interesse inicial pela leitura pode ocorrer depois do leitor se deparar com um

livro atraente esteticamente, fazendo-o iniciar sua leitura e possivelmente continuá-la até o fim.

Dessa maneira, a comunicação visual do livro é tão importante quanto o texto em seu interior, já que, além da história e da maneira como ela é narrada, a parte estética do livro está muito presente no processo de leitura, especialmente no dos leitores infantis e juvenis, ainda analfabetos ou recém-alfabetizados. Como D. F. McKenzie demonstrou (2002, p.7), "o design do livro pode ser essencial para o seu significado", já que o projeto gráfico e as ilustrações possuem uma grande participação na construção do sentido por parte do público.

Nesse sentido, as características do projeto gráfico dos livros (capa, ilustrações, cores, composição, tipografia, acabamento, formato, etc.) merecem ser estudadas, pois constituem, junto com o texto, a narrativa da história, além de contribuírem para o interesse da leitura.

Pesquisa e Metodologia

Diante desse contexto, essa pesquisa propõe analisar como o visual dos livros de literatura infantojuvenil e as características de seus projetos gráficos são utilizados para compor as narrativas, fazendo parte da interpretação das histórias e da comunicação entre autor, leitor e editora. O estudo será feito com livros infantojuvenis, pois eles normalmente trabalham com diversos recursos visuais, visando o interesse de um público alfabetizado recentemente e que ainda não possui tanto contato com a palavra escrita.

Como objeto de estudo será utilizada a coleção de livros do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, em duas épocas: o projeto gráfico criado pela editora Brasiliense na década de 1970 e reforma gráfica feita pela editora Globo nos anos 2000. Cabe ressaltar que esses livros já passaram por diversas mudanças estéticas ao longo dos anos, muitas feitas pela própria Brasiliense. No entanto, foi escolhido o visual do projeto dos anos 70 como ponto de partida da análise, pois ele se manteve durante décadas, até ser substituído pelo projeto atual da editora Globo. Este, por sua vez, será priorizado no estudo devido a sua contemporaneidade. Será feita, portanto, uma análise comparativa desses dois projetos, buscando compreender as transformações pelas quais essa coleção está passando para se adequar à nova realidade editorial, social e cultural em que estamos vivendo.

A coleção do *Sítio do Picapau Amarelo* é formada por 23 livros:

1921 – *O Saci*

1922 – *Fábulas*
1927 – *As aventuras de Hans Staden*
1930 – *Peter Pan*
1931 – *Reinações de Narizinho*
1932 – *Viagem ao céu*
1933 – *Caçadas de Pedrinho*
1933 – *História do mundo para as crianças*
1934 – *Emília no país da gramática*
1935 – *Aritmética da Emília*
1935 – *Geografia de Dona Benta*
1935 – *História das invenções*
1936 – *Dom Quixote das crianças*
1936 – *Memórias da Emília*
1937 – *Serões de Dona Benta*
1937 – *O poço do Visconde*
1937 – *Histórias de Tia Nastácia*
1939 – *O Picapau Amarelo*
1939 – *O Minotauro*
1941 – *A reforma da natureza*
1942 – *A chave do tamanho*
1944 – *Os doze trabalhos de Hércules* (dois volumes)
1947 – *Histórias diversas*

Todos os livros serão incluídos na análise, já que eles possuem uma unidade estética, por fazerem parte de uma coleção.

A obra de Lobato foi escolhida para ser estudada, pois possui importante papel na literatura brasileira, fazendo parte da construção do imaginário de nossa sociedade (PENTEADO, 2011, p.31). Ela é bastante pesquisada, porém, na maioria dos casos, do ponto de vista textual, existindo ainda pouca bibliografia sobre a análise de sua comunicação visual como um todo.

Devido a seu grande sucesso, desde seu lançamento aos dias atuais, seus livros foram bastante lidos pela população brasileira e são lidos até hoje. Como concluiu Penteado, em um estudo sobre a influência da obra de Lobato na sociedade brasileira, "a qualidade e a profundidade das respostas obtidas atestam uma influência inegável da leitura feita na juventude sobre o segmento escolhido da população" (PENTEADO, 2011, p.299). Ou seja, de acordo com o estudo feito por ele, a obra de Lobato influenciou o pensamento de uma parcela da população brasileira que leu seus livros na juventude.

É interessante observar que, apesar de ser um escritor brasileiro muito lido por diversas gerações, ainda se sentiu a necessidade de adequação do projeto gráfico a atual realidade em que vivemos, fato que não ocorreu com o texto, que permanece o mesmo desde os lançamentos dos livros. Reflexo da importância do tema foi a disputa judicial da

qual esses livros fizeram parte, no que diz respeito à atualização e à modernização de seu visual.

> A disputa judicial já dura quase dez anos. A família de Lobato acusa a Brasiliense de ter "negligenciado" a obra, que não passou por processos de modernização e apresenta edições "pobres", com ilustrações em preto-e-branco. Já a editora afirma que foram os herdeiros que barraram qualquer tentativa de atualizar as edições. (MATTOS, 2006)

Sem entrar no mérito de quem está ou não correto, essa disputa serve para ilustrar o quanto o tema é importante para a família do autor e para a editora encarregada de publicar seus livros, assim como para os leitores que entrarão em contato com as obras.

O próprio Monteiro Lobato já atentava para a apresentação visual de seus livros (CECCANTINI e LAJOLO, 2009, p.35). "Sua preocupação com a qualidade gráfica das obras que produziu fez dele um personagem relevante também para o design." (MELO e RAMOS, 2011, p. 96).

Existem, inclusive, discussões sobre o papel que o autor exerceu nas mudanças das práticas editoriais brasileiras, no que diz respeito ao design gráfico dos livros da época, que podem ser exemplificadas pelo argumento abaixo:

> A atuação de Monteiro Lobato foi decisiva, sim, na adoção da capa ilustrada como prática comercial corrente e, por conseguinte, na sofisticação da programação visual dos livros brasileiros. Porém, não obstante sua grande importância como um dos principais modernizadores do meio editorial no Brasil, é um erro admitir tais mudanças apenas à sua iniciativa e, pior, ignorar o que foi feito à mesma época por outras editoras. (CARDOSO *apud* ABREU e BRAGANÇA, 2010, p.126)

Na discussão acima, Rafael Cardoso alerta para o cuidado de não se chegar a um reducionismo, ao dizer que o autor do *Sítio* foi o único responsável pelas mudanças editoriais ocorridas na época. Porém ele não nega a importância de Lobato no mercado editorial brasileiro, inclusive no que diz respeito à sofisticação da comunicação visual dos livros.

Como metodologia, será feita primeiramente uma pesquisa bibliográfica, com uma revisão de literatura a respeito do tema, com o objetivo de criar uma base de conhecimento e ter uma perspectiva histórica e cultural sobre o assunto.

Serão utilizadas como referência as obras de Roger Chartier, Robert Scholes, D. F. McKenzie, Frédéric Barbier, Robert Darnton, Laurence Hallewell, Aníbal Bragança e Márcia Mello, no que diz respeito ao estudo de livros; Henry Jenkins, sobre a cultura da convergência; Paulo Freire, sobre a questão da educação; Chico Homem de Melo, Elaine Ramos, Philip B. Meggs, Robert Bringhurst, Ellen Lupton, sobre a comunicação visual e o

design de livros; e Sophie Van Der Linden, Guto Lins, Ana Maria Machado, sobre livros infantojuvenis.

É possível também que sejam incluídas outras referências ao longo do processo de pesquisa. Pesquisa esta que já foi começada e que está sendo muito presente na fase inicial do trabalho, mas que durará até o final do projeto, já que "a revisão de literatura acompanha o trabalho acadêmico desde a sua concepção até sua conclusão." (STUMPF *in* DUARTE e BARROS, 2012, p.54)

Será feito também o estudo visual dos livros em questão, através de uma análise comparativa entre as duas edições estudadas: anos 1970 x anos 2000. Serão levados em consideração os seguintes critérios: capa, ilustrações, cores, composição, tipografia, acabamento, formato, entre outros fatores adicionais que podem surgir no processo. O objetivo dessa análise é identificar as transformações pelas quais os livros passaram com a reforma gráfica em questão.

Além disso, será feita também uma investigação com o objetivo de compreender quais são as práticas discursivas presentes na parte visual dos livros, identificando quais protocolos de leitura são utilizados pelas editoras para se comunicar com os seus leitores. Atualmente, essa fase da pesquisa ainda está em um período bem inicial, porém será feita uma exemplificação mais adiante de como ela ocorrerá.

Segundo Roger Chartier (2011, p.20), os produtores (autores, editoras, designers) configuram seus livros com protocolos de leitura, que vão se comunicar com um determinado tipo de leitor, de acordo com sua faixa etária e condição social, entre outros fatores. Como explica Chartier,

> todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo da leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. Deste último, autores e editores têm sempre uma clara representação. [...] É possível, portanto, interrogando de novo os textos e os livros, revelar as leituras que pretendiam produzir, ou aquelas tidas como aptas para decifrar o material que davam a ler. (CHARTIER, 2011, p.20)

Dessa forma, os protocolos de leitura seriam a maneira como o texto foi escrito, mas também os elementos dos projetos gráficos presentes nos livros. E, através das análises desses protocolos, seria possível chegar a uma conclusão sobre o tipo de leitor que se pretendia atingir.

Além da pesquisa bibliográfica e da análise comparativa, será realizada uma pesquisa qualitativa nas editoras envolvidas na produção dos livros em questão, com a realização de entrevistas em profundidade, do tipo semiestruturado com um único respondente (GASKELL e BAUER, 2012, p.64), com os profissionais envolvidos no processo de produção dos livros: editores, designers e ilustradores. O objetivo das entrevistas é conhecer o ponto de vista desses profissionais em relação ao trabalho de reforma gráfica dos livros e seus motivos para a tomada de determinadas decisões em relação aos projetos gráficos. Como explica Gaskell,

> A entrevista qualitativa [...] fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (GASKELL *in* BAUER e GASKELL, 2012, p.65)

Memórias da Emília

Como se trata de uma pesquisa em andamento, ainda em sua fase inicial, este artigo contém somente o início da análise proposta para toda a pesquisa. Será feita, portanto, a análise inicial de um título, dos 23 que serão analisados no total. O livro em questão é *Memórias da Emília*, em duas edições diferentes (Brasiliense e Globo).

A primeira edição do livro foi lançada originalmente em 1936, contando a história de Emília, a boneca de pano que nasceu pelas mãos de Tia Nastácia. Nesse livro, a própria Emília narra, com a ajuda do Visconde Sabugosa, suas memórias das aventuras com a turma do *Sítio*.

O texto nas duas edições analisadas é o mesmo, tal qual foi escrito por Lobato em 1936, e, portanto, não será especificamente levado em consideração na análise, sendo priorizada a parte estética e visual desses dois exemplares.

É importante ressaltar que essas não são as únicas versões existentes desse livro, como já foi dito anteriormente. Há ainda uma edição impressa em formato maior da editora Globo (exatamente igual a esta analisada; a única característica diferente é o formato), uma edição em e-book da editora Globo, assim como diversas outras edições mais antigas da editora Brasiliense.

Para facilitar a análise, foi feita uma tabela com algumas características-chave dos livros:

	Brasiliense	**Globo**
Capa	Colorida, laminação brilhante, sem verniz.	Colorida, laminação fosca, com verniz localizado.

Ilustrações	Sim.	Sim.
Ilustrado por	Manoel Victor Filho (créditos do ilustrador não aparecem na capa).	Paulo Borges (créditos do ilustrador aparecem na capa).
Cor (do miolo)	Preto-e-branco (texto e ilustrações).	Colorido (títulos do texto e ilustrações).
Composição	Duas colunas.	Uma coluna.
Integração texto/imagem	Sim, apesar dos textos não se juntarem às imagens em nenhum momento. Algumas ilustrações em página cheia.	Sim, apesar dos textos não se juntarem às imagens em nenhum momento. Algumas ilustrações em página dupla.
Tipografia	Serifada. Fontes: informação não especificada no livro, sendo necessária uma análise mais profunda para determinar quais fontes foram utilizadas.	Serifada. Fontes: Nimrod MT e Spumoni LP.
Acabamento	Grampo canoa (sem lombada).	Brochura, costurado e colado (com lombada).
Formato	21x27,5cm	17,5x23cm

Como se pode perceber pela tabela acima, foram realizadas algumas mudanças significativas no projeto gráfico dos livros com a mudança de editora. A capa, por exemplo, que era em laminação brilhante, sem verniz, passou a ser em laminação fosca, com verniz localizado. A laminação pode ser considerada uma questão de gosto pessoal, portanto, não será levada em consideração.

No entanto, o uso do verniz localizado, apesar de, geralmente, representar um custo mais elevado para a produção do livro, fornece uma atratividade maior à materialidade do objeto, já que algumas figuras específicas brilham na capa (como a boneca Emília, o Visconde de Sabugosa, o título do livro e o retângulo onde está inserido o nome do autor), brilho este que, dependendo do ângulo, pode ser visto de longe e que pode ser sentido com o tato. A capa e o verniz podem ser um motivo a mais para uma criança (ou até mesmo um adulto) se interessar pelo livro e iniciar sua leitura, por exemplo.

As duas edições possuem ilustrações, porém, enquanto as do primeiro livro estão em preto-e-branco, as do segundo estão coloridas; e até os títulos dos capítulos possuem cor. Nesse caso, pode-se discutir a importância da cor para as ilustrações do miolo dos livros. Ao mesmo tempo em que uma ilustração em preto-e-branco pode vir a ser um convite para o leitor colori-la, os desenhos coloridos costumam ser mais atraentes para o público, especialmente o infantil.

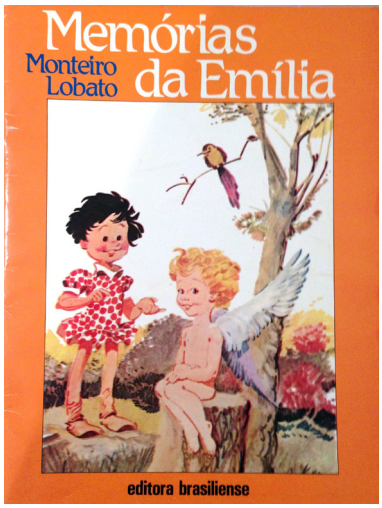
A composição do livro da Brasiliense é feita em duas colunas, enquanto a da editora Globo é feita em uma só. Nesse caso, isso representaria uma mudança na forma de leitura

da narrativa, já que esta ocorreria com dinâmicas e fluidezes diferentes. A localização e o tamanho das ilustrações também interfeririam no processo de leitura, já que, geralmente, as imagens se referem a alguma parte do texto, tornando importante a integração entre esses dois elementos.

Nos dois livros a tipografia é serifada. O uso de fontes com serifa costuma facilitar no processo de leitura de textos longos em meios impressos, devido ao fato da serifa fazer uma ligação visual entre as letras próximas umas das outras, melhorando a fluidez da leitura. Em uma primeira análise, a fonte utilizada não parece ser a mesma nos dois livros, mas isso não interferiria tanto no processo de leitura.

O acabamento dos dois livros, no entanto, é diferenciado. Enquanto o primeiro está em grampo canoa, o que impossibilita a existência de lombada, o segundo está em brochura, costurado e colado, com uma lombada que facilita, por exemplo, a localização do livro em uma estante cheia.

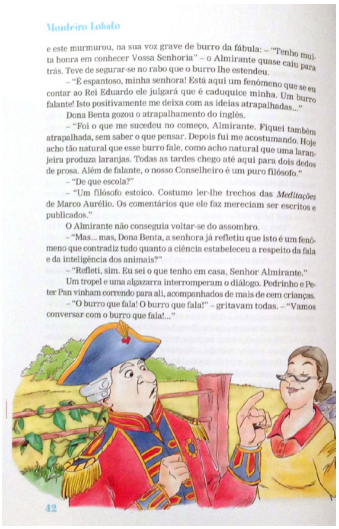
Como foi dito anteriormente, essa é uma somente uma análise prévia de um dos livros da coleção. Uma análise mais profunda analisaria mais variáveis e se aprofundaria na análise dessas características já citadas anteriormente. Dessa forma, ela poderia indicar, entre outros fatores, o que essas características significariam em termos de leitura, ou então, a intenção das editoras ao empregar determinado elemento em seus livros (o chamado protocolo de leitura).



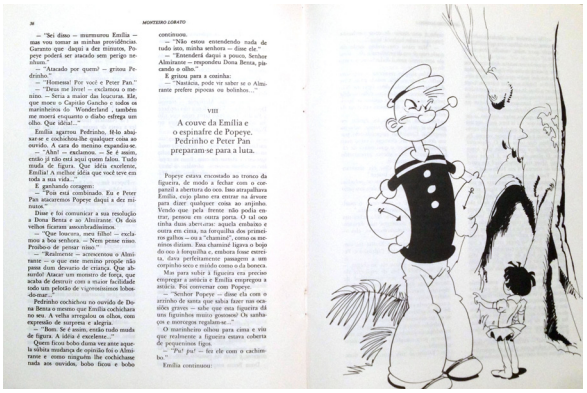
Edição da Editora Brasiliense

Edição da Editora Globo

Edição da Editora Brasiliense



Edição da Editora Globo



Edição da Editora Brasiliense

Edição da Editora Globo

Conclusão

Essa pesquisa é uma continuação de um estudo que vem sendo desenvolvido desde a graduação, sobre a relação entre a materialidade dos livros e a comunicação entre autores, editoras e leitores. Em um primeiro estudo foi feita uma revisão bibliográfica sobre a relação entre o projeto gráfico dos livros e o interesse pela leitura na infância. Agora, no mestrado, se propõe o estudo das modificações estéticas que podem ocorrer nos projetos dos livros, em decorrência do contexto tecnológico, social e cultural em constante transformação.

Atualmente, a pesquisa está em sua fase inicial de revisão de literatura. Passará, em breve, para a análise prévia dos livros, seguida pela fase de entrevistas com os profissionais das editoras, sempre guiada pelas leituras da fase de revisão bibliográfica, que acompanhará

todo o trabalho. Esta ordem, no entanto, não é uma "camisa de força", podendo ser alterada de acordo com a necessidade do projeto.

Este artigo reflete a fase inicial da pesquisa, que ainda poderá sofrer diversas modificações ao longo dos estudos. Os resultados obtidos ainda são bem preliminares, podendo ser bastante alterados a partir da análise mais profunda dos livros e das entrevistas a serem realizadas.

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia e BRAGANÇA, Aníbal. **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros.** São Paulo: Unesp, 2010.

BARROS, Antonio e DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2012.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2012.

BOLTER, Jay David e GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media.** Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000.

CECCANTINI, João Luís e LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato: livro a livro.** São Paulo: Unesp; Imprensa Oficial, 2009.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador.** São Paulo: Unesp: Imprensa Oficial, 1998.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COUTINHO, Eduardo Granja e GONÇALVES, Márcio Souza (orgs.). **Letra impressa: comunicação, cultura e sociedade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história.** São Paulo: Edusp, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

LINS, Guto. **Livro infantil?: projeto gráfico, metodologia, subjetividade.** São Paulo: Rosari, 2003.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília.** São Paulo: Globo, 2011.

MACHADO, Ana Maria. **Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MATTOS, Laura. Justiça devolve obra de Lobato a herdeiros, **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 mar. 2006. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0803200609.htm>.
Acesso em 15/07/2013.

MCKENZIE, D. F. **Making meaning: "printers of the mind" and others essays.** Boston: University of Massachusetts Press, 2002.

MELO, Chico Homem de e RAMOS, Elaine. **Linha do tempo do design gráfico no Brasil.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto.** São Paulo: Globo, 2011.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.